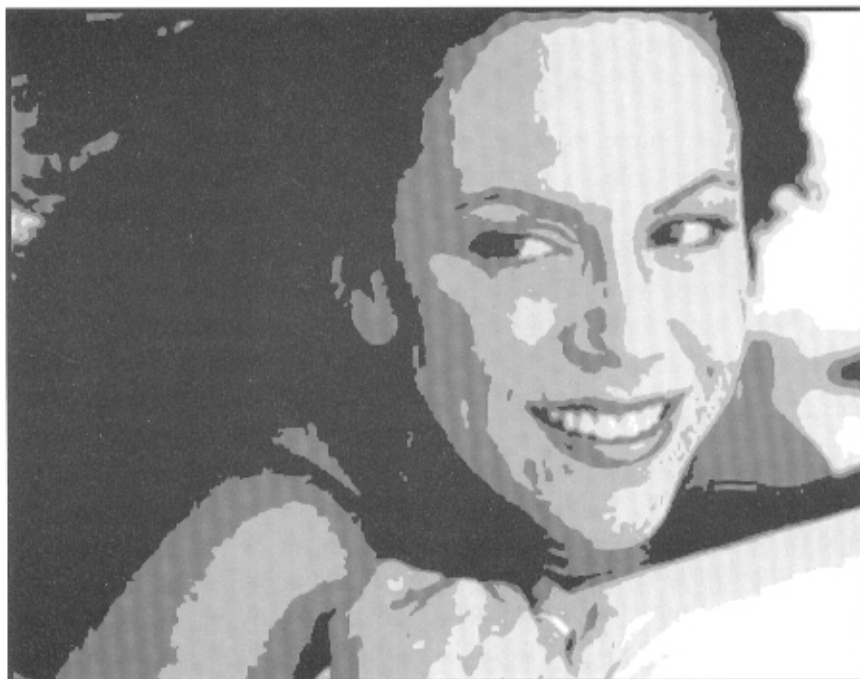


# Made in Brazil

MELISSA CASTRO, SANDRO CARNEIRO E SILVIA FERNANDES

**E**xportação de talentos. Como no caso dos jogadores de futebol, esta é a situação da música brasileira atualmente. Seguindo os passos dos craques do gramado, que vão para a Europa e Japão em busca de maiores salários e reconhecimento, músicos como Bebel Gilberto, Joyce, Marcos Valle, Ithamara Koorax, Eumir Deodato e Lisa Ono estão dando o que falar em outros países. Os artistas de maior destaque lá fora são ícones que passeiam pela Bossa Nova. Mas o movimento vai além, já que representantes da nova geração, como Bia Grabois, Arícia Mess e Pedro Luis e a Parede também estão decolando em suas carreiras internacionais. Isso sem falar dos DJs. Marcelinho da Lua, por exemplo, comandou, no princípio de julho de 2000, uma discotecagem antes do show da Nação Zumbi, no Summerstage, em Nova Iorque.

Bebel Gilberto, filha dos consagrados cantores da Bossa Nova João Gilberto e Miúcha, comemora o sucesso lá fora: "Em um mês, foram vendidas 80 mil cópias", referindo-se a Tanto tempo, disco que foi lançado nos Estados Unidos pela gravadora Ziriguiboom. No Canadá, ela gravou a



*Bebel Gilberto: até o mercado americano se rendeu ao seu talento*

canção So Nice, versão em inglês de Samba de Verão, dos irmãos Marcos e Paulo Sérgio Valle, que chegou ao primeiro lugar nas rádios locais, na categoria *world music*. No Brasil, o trabalho não foi para as lojas, mas Bebel, que há oito anos mora em Nova Iorque, se diz "superpositiva" e crê que o quadro possa mudar.

Um executivo de uma grande gravadora de São Paulo disse que não lança o disco de Bebel aqui porque a Ziriguiboom quer muito dinheiro. Mesmo com o disco pronto, negociar sua distribuição aqui no Brasil – hoje a cargo da

Universal – foi tarefa das mais difíceis. "Ao fechar com a gravadora (belga) Crammed, eu queria fazer uma co-produção com um selo daqui. Conversamos com várias gravadoras, mas não rolou", resigna-se Bebel.

Beco Dranoff, que dirige o selo Ziriguiboom, acredita que esse interesse por artistas brasileiros vem desde os tempos de Carmem Miranda, um ícone fortíssimo no mundo. Na Europa, um dos principais selos a lançar música brasileira é o Far Out, do inglês Joe Davis. Joyce, uma das descobertas de Davis, vem fazendo,



desde 1991, sem interrupção, uma temporada de shows por ano no Japão, levando sempre um convidado brasileiro escolhido por ela. O flerte com os orientais começou com Music Inside, de 1990, que foi lançado lá fora e aqui teve que sair pelo departamento internacional de uma gravadora. Joyce explica que, em alguns casos, o fato de o CD sair antes noutras "praias" dificulta o seu lançamento aqui: "As gravadoras estrangeiras sabem que as brasileiras exportam por um preço menor. Então são lentos para autorizar, sabendo que podem perder em vendas ao disputar com CDs vindos do Brasil".

Em 1991, veio Language and Love, também lançado somente no Japão. Em seguida vieram Delírios de Orfeu e Revendo amigos, de 1994, e Live at Mojo Club, gravado ao vivo na Alemanha,

em 1995. "As marcas de vendagem são difíceis de dar. Há sempre muita manipulação desses números", explica Joyce, cujo mais novo trabalho, Tudo bonito, tem a participação de João Donato.

**"De cinco anos para cá, ser brasileiro ficou na moda no mundo todo".**

*Bebel Gilberto*

Quem também encanta os japoneses, por imprimir um ritmo brasileiro à língua deles, é Lisa Ono. Com 12 discos lançados no outro lado do mundo, a paulistana alcança em média 50 mil cópias vendidas de cada um deles,

somando os mercados japonês, europeu e americano. Para Mônica Ramos, dona da gravadora carioca Deckdisc, que deve distribuir discos de Lisa no Brasil, o baixo consumo desses produtos por aqui não se explica só pela falta de educação e do pouco poder aquisitivo da grande maioria. "É questão de mercado. E se tivesse para vender nas Lojas Americanas?", pergunta ela.

Lisa Ono não precisou disso para ficar conhecida do outro lado do mundo. Ela tem uma explicação para a boa fase que já dura uma década: "No caso do Japão, onde a vida segue tão corrida, com muito trabalho, os japoneses sempre quiseram ouvir um som mais tranquilo e, ao mesmo tempo, com uma alegria *light* - que é justamente a Bossa Nova". Para João Donato, apresentado aos japoneses pela cantora, a história se explica não só com esses ventos: "Os japoneses dormem de portas abertas. Lá, as pessoas têm as próprias coisas, não precisam tomar as dos outros. E nós, apesar de sermos um povo com essa bagagem musical brilhante que impressiona lá fora, não temos esse comportamento. Os brasileiros estão muito preocupados com saúde e com pobreza. Não há interesse em ouvir música de qualidade".

Lisa Ono se acostumou a lançar, todos os anos, um disco em português no estilo das músicas brasileiras. Agora, mudou um pouco: "Bossa Carioca, meu décimo CD, foi para mim uma conclusão. A partir de então, pensei em começar a minha música do zero, cantando outros gêneros, em outra linguagem. Em inglês ou

japonês, não tem feito muita diferença. Escolhendo e adaptando bem as palavras em sua melodia e ritmo, as canções ficam bem gostosas de ouvir". O último lançamento da cantora no Japão foi *Pretty World*, disco que traz clássicos americanos cantados por ela *in english* e produzido por Eumir Deodato.

Deodato é um grande maestro brasileiro que está há 20 anos nos Estados Unidos. No Brasil, ele participou do início da Bossa Nova. Um dos exemplos de brasileiros de muito valor pouco reconhecidos no Brasil, Deodato é conhecido das novas gerações por conta de seu trabalho com a cantora Björk. Veterano do Beco das Garrafas, no Rio de Janeiro, na época da Bossa Nova, ele partiu para os EUA em 1967, convidado pelo violinista Luís Bonfá. Desde os anos 70, Eumir Deodato é nome de peso no chamado *latin jazz*. Sua versão de *Also Sprach Zarathustra*, de Richard Strauss, faixa do álbum *Prelude*, foi um grande hit internacional em 1973, engatando cinco milhões de cópias vendidas. Não é à toa que ele foi redescoberto pelos roqueiros americanos e ingleses, e seus discos fazem a festa de DJs lá fora. O músico brasileiro já trabalhou com artistas diversos como Frank Sinatra e Aretha Franklin.

Marcos Valle, cantor de sucesso nos anos 60, acha que o mercado internacional é importante, tanto que vai ao Japão duas vezes por ano, mas vê chances de as coisas mudarem por aqui. "Apesar do bom desempenho no exterior, não dá para dispensar o que se consegue aqui dentro. Meu trabalho foi muito valorizado lá fora por-

que sentiram que havia preocupação com a sinceridade", teoriza o músico, que tem 25 discos lançados no Brasil e 13 lá fora. "Nos últimos dois anos, seis discos novos foram lançados no exterior. Aqui, só relançamentos".

### Brasil invade as pistas lá fora

Já aconteceu com Joyce e Marcos Valle: passeavam pela Europa e se depararam com pistas de dança embaladas pela música...deles! O que saía das caixas de som vinha, na ocasião, de velhos vinis tocados por DJs. O DJ carioca Marcelinho da Lua bem que poderia ser um desses. Ele, que já vendeu no Japão, Europa e Estados Unidos, 40 mil cópias de seu CD *Bossacucanova*, passeia pelo jardim bossanovista. Aqui, Marcelinho não chegou a cinco mil. "O distribuidor nos EUA disse que só não vendemos mais por lá, porque não fazemos shows", anima-se o DJ, de 28 anos, que começou trabalhando como assistente de estúdio do compositor Roberto Menescal.

Amon Tobin, atualmente morando em Londres, é outro brasileiro que virou produtor e DJ. Ele, que não ia além do jazz, foi pego pelo *drum 'n' bass* em 1991. Comprou um *sampler* baratinho e produziu fitas-demo, que enviaria para selos alternativos. Essa, para Amon, é a receita. "Tem que tomar cuidado, não basta ser brasileiro. É preciso tentar dar qualidade às músicas antes de tudo". Amon já impressionou o mundo com o CD *Supermodified*, que, segundo ele, tem música brasileira, mas de uma maneira diferente. "Eu sou do Brasil, mas as pessoas não podem esperar



Eumir Deodato: produtor musical com sólida carreira internacional

sempre, o tempo todo, apenas material exótico. Quero evitar clichês", avisa.


Para um trabalho de Amon ser encontrado por aqui, foi preciso um inglês querer fazer isso. "O CD *Permutation* nos deixou animados", conta Paul Tokely, do selo paulista Subsolo. Amon teve que amargar aqui uma vendagem que não passou de 500 cópias. Segundo ele, no resto do mundo (leia-se Europa, Japão e Estados Unidos), o disco chegou a 35 mil cópias vendidas, 15 mil delas só na América do Norte.

Atuando no mesmo campo de Amon, está Carlos Slinger, que ajudou a produzir uma das faixas do último CD de Bebel Gilberto. Também brasileiro (e também baseado em Nova Iorque), aos 42 anos, ele diz que já visitou todos os estados americanos, na maioria das vezes, vestindo a "fantasia" de DJ. Nessas ocasiões, por mais que a música que Slinger toque seja moderna, ela tem sempre uma essência brasileira. O que também ajuda na divulgação e na valorização de passes de artistas que se apresentem com o rótulo verde e amarelo. Ele vê o pre-

conceito do brasileiro como um dos principais obstáculos para o sucesso fora do próprio quintal: "Agora a música não é muito cantada. Tem que valorizar o instrumental. O artista tem que ter a capacidade de pegar a própria cultura e retrabalhar, seguindo as tendências do mundo".

Para ele, boa parte da juventude americana comporta-se como *alien*, sem preconceito com o que pode encontrar. Por isso, gosta quando descobre algo brasileiro, diferente. Uma das descobertas foi a série de compilações United DJs of America, que já está no volume 14 e traz sempre uma "alma" de música *made in Brazil*, segundo Slinger. "O coco é *drum'n'bass*. O Brasil tem o ritmo", compara e comemora. Joyce, pensando no que já viu nas pistas lá de fora, faz uma sugestão: "Os DJs brasileiros talvez possam funcionar um pouco mais como educadores". O "professor" Patife, isto é, o DJ Patife, um dos mais comemorados do *drum'n'bass* paulistano, de certa forma, ajuda a divulgar a música daqui lá fora: já viajou várias vezes para tocar em Londres. A gravadora Trama, que lançou um disco do DJ aqui, distribuiu no Japão, com tiragens médias de duas mil cópias, CDs de Marcos Suzano, Sheik Tosado, Max de Castro, Wilson Simoninha e Otto. Este último tem se destacado, já que, com duas músicas, integra também uma coletânea lançada na Inglaterra e acaba de cumprir uma turnê no velho continente que passou por Portugal, Espanha e Inglaterra.

E os exemplos não param por aí. Bia Graboys, Arícia Mess e Pedro Luís também já descobriram a boa



**"O gosto do grande público nacional é influenciado pelos meios de comunicação de massa, como o rádio e a TV".**

**João Gilberto Pereira**

receptividade da música brasileira lá fora: os três foram lançados no Japão. "Esse é um momento especial que a música brasileira está passando no mundo. E como lá fora há vários mercados, não tem esse negócio de ser uma m... se não vender um milhão de cópias", teoriza Pedro Luís, que virou parceiro de um japonês - Miyzawa, do grupo The Boom - no disco *Afro sick*. Daí para que Pena de vida ficasse entre as 50 músicas internacionais mais tocadas no Japão foi um pulo. O disco de Pedro Luís e a Parede chegou a 15 mil cópias lá fora.

Tiragem um pouco mais modesta foi a de Bia Graboys, que acrescentou uma versão em inglês de Céu negro ao disco que, no Japão, saiu com duas mil cópias. "Mas a faixa que mais os deixou interessados foi Índio", diz a cantora, que respondeu a um questionário enviado pela P-Vine, gravadora que a lançou no Japão, para que no encarte do disco pudesse haver letras traduzidas. "Eles se interessam pelos detalhes, isso faz diferença".

## Brasil exportação

A música popular brasileira anda mesmo em alta. Vários críticos do jornal The New York Times alinharam entre os melhores discos pop do ano passado os álbuns Livro, de Caetano Veloso, Alfama, mabetizado, de Carlinhos Brown, e Fabrication Defect, de Tom Zé. A revista Rolling Stone também se rendeu ao estilo de Tom Zé, dando-lhe a cotação excelente ao seu CD que foi lançado no Brasil. A mesma publicação não deixou de incensar o trabalho de estréia da cantora baiana Virgínia de Rodrigues, Sol Negro. Não só a crítica, contudo, vem enxergando maravilhas nos ritmos pátrios. Constantemente lembrados por artistas estrangeiros badalados, nomes de peso da MPB viraram referências no universo das novas tendências sonoras.

A cantora islandesa Björk, por exemplo, fã de carteirinha de Elis Regina e Milton Nascimento, sempre convida o maestro Eumir Deodato para dar um toque orquestral em suas canções. O que dizer então do cantor cult sueco Jay Jay Johanson, espécie de Frank Sinatra da música eletrônica, que usou elementos de Sonho, de Taiguara, na música *A letter* do Lulu-Mae?

O gaitista Maurício Einhorn também é um talentoso músico desconhecido no Brasil. No exterior, ele é conhecido e respeitado e conta com vários discos. Participou ativamente do movimento Bossa Nova, tendo suas músicas gravadas no Brasil e em outros 30 países por intérpretes de renome como Tom Jobim, Herbie Mann e outros.

A niteroiense Ithamara Koorax



*Ithamara Koorax: só um de seus discos é vendido no país*

é outra artista nacional que possui uma carreira musical de êxito no exterior, mas não repete o sucesso em seu país. Considerada uma das vozes mais marcantes surgidas nos anos 90, ela hoje é mais prestigiada por ingleses, japoneses e americanos do que pelos próprios brasileiros. Com um repertório de clássicos da Bossa Nova, revestidos de arranjos de *acid-jazz*, a cantora foge do rótulo MPB. Além da sonoridade tipicamente brasileira, suas canções contêm elementos recorrentes da música pop contemporânea, como batidas eletrônicas e *samples*, entre outros efeitos sonoros.

A carreira de Ithamara Koorax começou a decolar em 1991, quando a regravação do clássico *Cry me river* impulsionou sua carreira no Japão. Mais tarde, em 1994, ela começou a despertar o interesse dos europeus pelo seu trabalho, colocando várias das canções nas pistas de dança européias. O álbum *Bossa nova*

*meets drum 'n' bass*, de 1998, foi o seu primeiro disco direcionado para o mercado internacional, e chamou a atenção da gravadora norte-americana Milestone Records. O último trabalho lançado por Ithamara, e o primeiro a ser distribuído nos Estados Unidos, foi *Serenade in Blue*, produzido pelo brasileiro Artur de Souteiro.

No entanto, aqueles que procurarem seu mais novo CD, não o encontrarão nas lojas, já que ele não está no catálogo de nenhuma gravadora nacional por falta de interesse em comercializá-lo. Com seis discos solo e participação em mais de trinta, Ithamara Koorax tem somente seu segundo disco, *Rio Vermelho*, distribuído no Brasil, pela Movieplay. É por essa razão que ela agora dá ênfase à sua carreira internacional.

**"A nossa música  
nunca esteve  
tão indigente".**

*Ithamara Koorax*

Em uma entrevista recente, Ithamara disse acreditar que o mercado brasileiro hoje não teria condições de absorver seu trabalho. "A nossa música nunca esteve tão indigente", critica a cantora, "Admiro gente como Laurindo Almeida, Luiz Bonfá, Tom Jobim (nos anos 80), Sérgio Mendes e outros que têm um trabalho maravilhoso mas nunca tiveram espaço no próprio país."

Koorax não aceita um mercado dominado pelos axés e pagodes da vida, que relega nomes importantes da história da MPB a segundo plano.

Ao tentar explicar o sucesso de artistas brasileiros de samba-jazz e Bossa Nova no exterior, o produtor musical João Gilberto Agostinho Pereira, da gravadora CID Entertainment, disse que isto acontece por que estes gêneros são mais valorizados e respeitados pelo público de fora do que pelo brasileiro. Segundo ele, o gosto do grande público nacional é influenciado pelos meios de comunicação de massa, como o rádio e a TV. "O sucesso de um gênero musical no Brasil é sempre momentâneo. Até há pouco tempo, o axé e o pagode dominavam o mercado, hoje tomado pela onda funk", comenta.

Perguntado se o gênero Bossa Nova seria sofisticado para os padrões do consumidor brasileiro, João respondeu: "Não é questão de a Bossa Nova ser sofisticada, por que o nosso público tem interesse pela MPB. Mas é a grande exposição de artistas nas rádios e programas de TV que acaba influenciando o consumo".

No entanto, o trabalho de Ithamara não pára de ser reconhecido no exterior. Só no ano passado, ela recebeu quatro indicações para o Prêmio Grammy (o Oscar da música mundial) como cantora, melhor álbum de jazz, produção e arranjo. Além disso, já coleciona 18 prêmios internacionais e, segundo a revista especializada *Down Beat*, "é uma das melhores cantoras de jazz do mundo".

Made in Brazil, tipo exportação. 🎵